

A REPRESENTAÇÃO DO SERTANEJO DE PATATIVA DO ASSARÉ SOB A PERSPECTIVA DAS TEORIAS PÓS-COLONIAIS / *THE REPRESENTATION OF THE COUNTRY MAN IN PATATIVA DO ASSARÉ UNDER THE PERSPECTIVE OF POST-COLONIAL THEORY*

*Sebastião Marques Cardoso**

*Francisco Wellington Carneiro de Souza***

Resumo: Neste artigo, propomos estudar e analisar a representação do sertanejo na produção poética de Antonio Gonçalves da Silva, popularmente conhecido como Patativa do Assaré. Sob a perspectiva de teóricos das pós-colonialidade como Gayatri Chakravorti Spivak e afins – como Frantz Fanon, Homi K. Bhabha e Edward Said, no que concerne, sobretudo, à identidade cultural –, ensaiaremos uma nova abordagem sobre a construção da voz poética e da própria imagem do sertanejo nas principais obras de Assaré. Sendo assim, o artigo se construirá através de estudos relacionados à questão da cultura, da identidade e de suas representações na literatura brasileira. Acreditamos que, com isso, poderemos compreender melhor a figuração da voz poética de Assaré no contexto do espaço a ela destinado e de como essa

* Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte / UERN, Brasil; sebastiao@uern.br

** Mestrando pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/ UERN, Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil, bolsista CAPES/CNPQ; wellington18ico@gmail.com

voz pode, de alguma maneira, representar a classe dos desfavorecidos ou subalternos.

Palavras-chave: estudos culturais e pós-coloniais; literatura brasileira; Patativa do Assaré; representação social; identidade cultural.

***Abstract:** In this article, we aim to study and analyze the representation of the country man in the poetry of Antonio Gonçalves da Silva, popularly known as Patativa do Assaré. From the perspective of Gayatri Chakravorti Spivak and other theorists - as Frantz Fanon, Homi K. Bhabha and Edward Said, particularly with regard to cultural identity – we propose a new approach to the construction of poetic voice and image of the frontiersman in the main works of Assaré. Thus, the article will be built through studies related to the issue of culture, identity and its representations in the literature. We believe that, with this, we can understand better the figuration of the poetic voice of Assaré in the context of its space and how this voice can somehow represent the class of the disadvantaged or the subordinated ones.*

***Keywords:** Cultural and Post-Colonial studies; Brazilian literature; Patativa do Assaré; Social representation; Cultural identity.*

Introdução

O estudo e a análise que propomos neste artigo nos revelam, em primeira mão, uma imagem da representação do sertanejo no âmbito social e no que diz respeito à identidade cultural que o protagonista patativiano encabeça em suas aparições na poética do escritor e, em segundo plano, apresentam-se as teorias pós-coloniais como viés de entendimento na representação do exilado, do refugiado, dos imigrados e do subalterno na produção literária patativiana na busca de se entender, perante a luz desses teóricos, a construção da voz poética e da imagem no contexto do espaço destinado ao sertanejo de Patativa do Assaré.

No anseio de se encontrar um vínculo entre a representação da imagem do sertanejo e a classe dos *desfavorecidos* ou *subalternos*, encontramos, nos teóricos pós-colonialistas como Gayatri Chakravorti Spivak, Edward Said, Frantz Fanon e Homi K. Bhabha, o arcabouço necessário para se estabelecer um vínculo entre os representantes e os representados que a literatura pós-colonial expõe como os seus protagonistas, a fim de que se entenda o processo de construção da imagem do sertanejo patativiano dentro do contexto designado a ele, seja social, cultural, histórico ou econômico.

As teorias pós-coloniais colaboram para entender os processos pelos quais as literaturas dos países colonizados podem carregar em seu âmago toda a dor, sinceridade e imagem fidedigna de sua condição de colonizado e, como foco deste artigo, faremos um paralelo entre essas teorias e a produção patativiana.

No entanto, ela fornece também o entendimento que esta mesma condição de desfavorecido pode ser binária e de mão dupla. Ao passo que encontramos os colonizados, ou no caso os desfavorecidos, encontramos também o desejo de o mesmo ser o próprio colono, senhor de terras. Encabeçando, assim, uma guerra dialética de ideais e vontades que se confrontam dentro do paradigma que Frantz Fanon exhibe em seu livro *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2008), quando ele indaga saber qual o desejo do homem negro, fazendo referência à pergunta que Sigmund Freud fez sobre *o que quer a mulher?*

Este grande questionamento perpassa-se primeiramente pelo âmbito da linguagem, posto que seja a forma mais intensa e eficaz de dominação colonial. É o estabelecimento da língua do colonizador ao povo por ele oprimido a forma mais cruel de dominação, porém esta mesma linguagem pode fornecer aos colonizados um afastamento do que eles realmente são, desviando assim, paradoxalmente, da essência criadora de sua cultura, sociedade e região. Veja esse trecho que Fanon (2008) exhibe a respeito desta transformação:

Todo povo colonizado - isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural - toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negritão, seu mato, mais branco será. ¹

¹ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*; tradução de Renato da Silveira. - Salvador: EDUFBA, 2008. P. 34.

A forma mais intensa de resistência de um povo colonizado é manter viva a sua linguagem e Fanon sabia disso ao afirmar a frase supracitada, ou seja, quando nos aproximamos acentuadamente da cultura do colonizador deixamos para trás nossa identidade e acabamos por abarcar outra, causando hibridismos e um processo de aculturação. De certo modo, acabamos, por assim dizer Fanon, nos tornando “brancos” também. Isso se reflete no próprio desejo do homem colonizado, um dia, em ser colonizador. Esta afirmação vai ao encontro direto com a poética de Patativa do Assaré, que emparelha a poesia com o discurso pós-colonial.

Com relação à Bhabha (1998) e Said (2003) nos ateremos à força das suas defesas no que concerne à busca da identidade e sobre as reflexões sobre a questão do exílio, dos refugiados, dos imigrantes, que o próprio sertanejo não deixa de ser um destes representantes. O sertanejo quando foge de sua terra por conta da seca é um refugiado, quando se obriga a deixar sua casa e morar em terras alheias se torna um exilado. A esperança de um futuro melhor faz com que deixe sua terra e acabe se tornando também imigrante. Por isso vale analisar a figura do sertanejo apresentado por Patativa do Assaré como um fiel representante da voz poética e da imagem do homem nordestino pós-colonizado.

Quanto à teoria de Spivak (2010), a ideia da subalternidade recai sobre o contexto do sertanejo como uma nova forma de analisar e estudar a classe dos desfavorecidos e saber de que maneira essa classe é representada, de que forma ela aparece na literatura patativiana.

Representação do sertanejo e a identidade cultural

O cenário cultural brasileiro nos remete a uma pluralidade de elementos constitutivos que nos fazem pensar na diversidade criadora a partir do pressuposto de que nossa formação cultural sofreu influências profundas. Os processos de miscigenação cultural do homem branco-colonizador e da própria sociedade brasileira criaram uma identidade particular, mas que contém largas influências dos processos longos e contínuos de colonização por parte dos europeus que aqui vieram.

Nesse contexto é que vemos como a literatura, e em especial a regionalista, tendo como foco a poesia patativiana, absorveu essas influências.

O mundo *pós*, seja ele pós-iluminismo, pós-modernismo ou pós-colonialismo, nos remete a um contingente de informações que não se atém a fronteiras

por não caber mais nelas. Em outras palavras, podemos dizer que as fronteiras foram quebradas porque o homem não se limita em suas buscas, em suas descobertas e principalmente na sua relação de poder com o outro. No entanto, as marcas desse poder deixaram suas influências, principalmente nas manifestações culturais e artísticas que estes povos produziram e irão produzir.

A dominação, a subordinação, a imposição foram, são e ainda serão sempre fatores decisivos nos processos de formações e transformações culturais e sociais, sendo que os povos que foram colonizados exalam com maior intensidade essas marcas de relações de poder.

O homem pós-colonizado refrata uma gama de manifestações artísticas, culturais, sociais e econômicas que seu colonizador incide sobre sua lente e esta refração nos mostra uma imensidão de fatores que o levam a caminhar de maneira diferente dos homens que não passaram por um processo de colonização. Estas mesmas imagens refratadas evidenciam o ponto nodal das formas pungentes de produção e desenvolvimento de suas culturas. Isto se dá porque o processo de colonização, mesmo que ainda os países colonizados já não os sejam mais, deixam suas marcas profundas no jeito de ser e agir; é uma marca que não dá para se apagar. Isto é explicado por Russel G. Hamilton, em *A literatura dos PALOP e a teoria pós-colonial* (1999) quando ele aborda a questão das influências que os países colonizados sofreram nos seus processos formativos da cultura e das manifestações artísticas e quanto à possibilidade de o homem pós-colonial se libertar das chagas do colonialismo, vejamos a seguir:

Com respeito ao pós- do pós-colonialismo, penso que temos que levar em conta que o colonialismo, ao contrário do modernismo, traz logo à mente uma carga de significadores e referentes políticos e socioeconômicos. Portanto, os antigos colonizados e os seus descendentes, mesmo com o fim do colonialismo oficial, avançam para o futuro de costas, por assim dizer. Isto é, ao contrário dos pós-modernistas, que carregam o passado nas costas, mas que fixam os olhos no futuro, os pós-colonialistas encaram o passado enquanto caminham para o futuro. Quer dizer que por mal e por bem o passado colonial está sempre presente e palpável. Está presente na forma da ameaça ou realidade do neo-colonialismo, isto sendo uma dependência econômica com respeito à antiga metrópole e às multinacionais. Os des-colonizados ainda têm que viver com a herança indelével do colonialismo.²

² HAMILTON, Russel G. *A literatura dos PALOP e a teoria pós-colonial*. IV Encontro de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, realizada em agosto de 1999 por esta Área de Pós-Graduação e o Centro de Estudos Portugueses da USP.

Lembramos claramente, com esta citação de Hamilton (1999), que está intrínseco no sertanejo, principal personagem de Patativa do Assaré, o carma da prisão metafórica dos povos *pós*, isto é, sua sina de sofrendores, o estigma dos povos que levam em seus semblantes o selo dos “eternamente aprisionados”.

Daí cabe-se questionar. Será que produziremos algo que seja realmente nosso? Que seja originalmente do povo brasileiro? Será que Patativa do Assaré produziu isto com sua obra? Será que experimentaremos um dia esta *liberdade* e seremos realmente protagonistas? Será que a nódoa do colonialismo estará sempre presente em nossas produções?

Todas essas indagações são pertinentes e importantíssimas no processo de entendimento da formação das obras literárias brasileiras, no entanto, seria necessário muito mais que um artigo para responder a todas essas perguntas, se é que todas possam ser respondidas de fato. Mas nos ateremos aos fatos referentes às obras patativianas, que são pertinentes por demasiado, para o esclarecimento dos processos supracitados de construção da identidade cultural e da representação do sertanejo.

Creemos que Patativa do Assaré procurou ser o mais original em suas produções e isso se comprova pelo fato de o autor não admitir correções em suas poesias, dando a elas um caráter excêntrico e puro, representando na íntegra o sertanejo. As produções patativianas refletem inúmeros contextos estritamente *nossos*. Exemplo disso são suas representações da flora e fauna nordestina, um bioma que só existe aqui, e das nossas lendas e costumes, do nosso clima e da própria figura do homem nordestino. Vejamos como Assaré apresenta a natureza do sertão nordestino no poema *A Festa na Natureza*:

A FESTA DA NATUREZA

Chegando o tempo do inverno,
Tudo é amoroso e terno,
Sentindo o Pai Eterno
Sua bondade sem fim.
O nosso sertão amado,
Estrumicado e pelado,
Fica logo transformado
No mais bonito jardim.

Neste quadro de beleza
A gente vê com certeza

Que a musga da natureza
Tem riqueza de incantá.
Do campo até na floresta
As ave se manifesta
Compondo a sagrada orquesta
Desta festa naturá.

Tudo é paz, tudo é carinho,
Na construção de seus ninho,
Canta alegre os passarinho
As mais sonora canção.
E o camponês prazentero
Vai prantá feção ligero,
Pois é o que vinga premero
Nas terras do meu sertão.³

Neste poema percebemos a simplicidade de Assaré em apresentar a natureza de forma branda e verdadeira, descrevendo um retrato fiel da terra que ele conhece bem. Palavras como *musga*, *incantá*, *orquesta* e *naturá* mostram seu caráter de originalidade quanto a sua escrita, é a marca patativiana que tenta fidelizar o poema com o povo o qual ele representa. A figura do homem campesino aparece de forma singular e bela, misturando-se às outras sensações que a própria poesia se encarrega de mesclar com os elementos constitutivos da escrita, fazendo uma alquimia perfeita.

Todos esses fatores apresentados evidenciam a diversidade criacional de que se utilizou Assaré para representar o sertanejo e, acima de tudo, na eterna preocupação de se manter a originalidade que provinha da sua escrita simples e que não aderiria à ortodoxia das normatividades a que a *alta* literatura se curvava para ser denominada como tal. Patativa fez, com sua escrita, o principal veículo representativo do povo que ele inseriu como protagonista de sua obra, sendo seus poemas a voz *matuta* daqueles que não tinham como se subjetivar e transformar isso em melhorais a seu favor. Além disso, há um toque de subversividade em seus trabalhos, pois queria Patativa atingir aqueles que não valorizavam o povo e a cultura do país. Este toque de protesto traz outras nuances que as teorias pós-coloniais podem explicar claramente como a questão da subalternidade, do discurso do oprimido, do exilado, dos migrados, etc.

³ CARVALHO, Gilmar. Patativa do Assaré: Antologia Poética (Org. Gilmar de Carvalho). 2002.

Os teóricos pós-coloniais em paralelo com as obras patativianas

As teorias pós-coloniais trazem como principais representantes do seu estudo o oprimido, a questão do subalterno, dos exilados e imigrados. Há, ainda, uma gama de outros assuntos que estas teorias abordam, tanto no campo literário como sociológico, filosófico, econômico, etc. Porém abordaremos apenas uma pequena parcela desses assuntos que interessam a este artigo para a construção de suas bases.

Ao se estudar Patativa do Assaré, nós percebemos que sua poesia carrega em seu interior muito mais do que sentimentos, traz também um discurso dialógico, exibindo uma polifonia discursiva que se pode entender perfeitamente comparando-se as teorias pós-coloniais com o processo criacional patativiano. Este dialogismo encontrado nas obras de Assaré nos remete a um leque de possibilidades para se entender o processo de criação, bem como as influências que o próprio nordestino sofreu e acabou imprimindo em suas expressões artísticas e literárias.

O estudo pós-colonial ajuda-nos a compreender uma parte da nossa história e acima de tudo, mensurar o quão grande foi a influencia que o processo de colonização exerceu nas obras de Assaré e, para começarmos a entender isso, iniciaremos com dois dos principais teóricos desses estudos, Frantz Fanon e Homi K. Bhabha.

Frantz Fanon e Homi K. Bhabha

Sua teoria fende-se entre uma dialética entre o Eu e o Outro e da psicanalítica do inconsciente, sendo que a sua força vem do entendimento da tradição do oprimido, o que não deixa de ser o verdadeiro trabalho de Patativa do Assaré, ou seja, encontrar-se em si e refletir-se no outro, e de forma recíproca encontrar-se no outro e identificar-se a si.

Esse processo de reconhecimento não se limita a esta atividade contínua de identificação, pois o reconhecimento desta imagem reflete-se como acessório da autoridade e da identidade, não sendo ela a aparência realística do mundo o qual ela representa. Veja o que afirma Bhabha (1998) sobre esse pressuposto abordado por Fanon:

A imagem é apenas e sempre um acessório da autoridade e da identidade; ela não deve nunca ser lida mimeticamente como a aparência de uma realidade. O

acesso à imagem da identidade só é possível na negação de qualquer ideia de originalidade ou plenitude; o processo de deslocamento e diferenciação (ausência/presença, representação/repetição) torna-a uma realidade liminar. A imagem é a um só tempo uma substituição metafórica, uma ilusão de presença, e, justamente por isso, uma metonímia, um signo de sua ausência e perda.⁴

Então, à luz deste teórico, como reconhecer o sertanejo patativiano? Como ele se apresenta? Onde ele está? E de que forma? Qual sua identidade?

Em cima dessas indagações está à mercê um complexo universo imagético e simbólico que Patativa do Assaré incorpora em sua poética. Elementos como a seca, a fome, as tradições, festas, lendas, costumes, o vaqueiro e a natureza colaboram para uma produção que exprime na íntegra a força poética e as influências que a colonização e todas as chagas deixadas por ela tiveram na produção artística de Assaré. E é com base nesta produção que percebemos como o sertanejo é representado e como sua identidade cultural se estabelece.

O sertanejo patativiano assim como o negro de Frantz Fanon exprime o mesmo sentimento. O sentimento de revolta, de uma eterna busca, de uma sina ou destino a que ambos estão fadados seja a de um futuro de sofrimento ou de desfavorecimento por sua condição nata de ser sertanejo no caso de Assaré, ou de ser negro, no caso de Fanon. No entanto há de se notar que Fanon não considera o negro como algo desvalorizado, visto como coitado, como ser inferior; o que se assemelha muito com o discurso patativiano sobre o nordestino, no qual Patativa afirma ter suas virtudes e pede pelo reconhecimento de seu povo por ser igual aos outros. Vale salientar que Patativa não impõe uma conotação de coitado ao sertanejo, que o que se vê na sua poética é a máxima expressão do sofrimento deste ser em forma literária. Vejamos como esse sofrimento se expressa em alguns trechos dos poemas do livro *Cante Lá que Eu Canto Cá* de Assaré (1978):

Cá no sertão eu infrento
A fome, a dô e a misera.
P'ra sê poeta divera
Precisa tê sofrimento...”
(Cante lá que eu canto cá)⁵

⁴ BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. Interrogando a identidade. p.70-104.

⁵ ASSARÉ, Patativa. Cante lá que eu canto cá – A filosofia de um trovador nordestino. Editora Vozes. 1978.

Ou também:

Pois aqui vive o matuto
De ferramenta na mão.
A sua comida é sempre
Mio, farinha e feijão
(Coisas do meu sertão) ⁶

O sertanejo personificado de Patativa se encontra em qualquer rosto de quem passou pelas mazelas da seca, pela fome, pelo abandono de sua terra natal e ele aparece da forma mais idônea em todos seus fiéis representantes que são o próprio povo nordestino, e sendo Patativa do Assaré um nordestino também, cabe a ele um dever maior, de representar fielmente seu povo e de se autorrepresentar. No entanto, vale lembrar-se de que a imagem, parafraseando BHABHA (1998); “é a um só tempo, uma substituição metafórica”, a imagem não é a realidade de uma identidade e sim sua representação na ausência da mesma. O sertanejo literário patativiano se encontra, então, definitivamente num panteão que pertence somente aos seres apresentados pelo escritor, singularizando assim sua literatura.

A escrita patativiana também esboça o discurso do oprimido, sendo que a palavra falada e a palavra escrita andam nas mesmas linhas, transmutando-se numa poética rica e que expressa a resistência quanto à norma culta como um protesto ao sistema rígido no qual está inserida a *boa literatura*, incutida pelas normas adotadas por nós colonizados. Veja o que BHABHA (1998) fala a respeito do direito de se expressar e como isso se estabelece perante o discurso das minorias:

O direito de se expressar a partir da periferia do poder e do privilégio autorizado não depende da persistência da tradição; ele é alimentado pelo poder da tradição e de se reinscrever através das condições de contingências e contrariedades que preside sobre as vidas dos que estão na minoria.⁷

A resistência de Patativa do Assaré quanto à norma culta da língua escrita se mostra como a maior forma de protesto ao regime linguístico que afastava a boa e má literatura por fatores normativos gramaticais. É o jeito de ser nordestino,

⁶ Ibidem.

⁷ BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. Interrogando a identidade. p.70-104.

de ser sertanejo que está sendo expresso em sua poética e esse jeito engloba a sua forma de falar que é posta fielmente nas linhas de Assaré, sem se preocupar com normas, quebrando barreiras como forma de mostrar a verdadeira face do povo por ele apresentado.

Gayatri Chakravorty Spivak

No que diz respeito à literatura de Patativa do Assaré e sua representação do sertanejo, cabe aqui colocarmos os fatores identitários como viés de entendimento da produção pós-colonial deste poeta nordestino, valendo-se de sua experiência real e do conhecimento de toda simbologia sertaneja para representar seus conterrâneos e também de se autorrepresentar perante a sociedade massacradora (colonizador) do povo sertanejo; e é em cima do discurso das fronteiras inoculado pelos colonizadores que impediam o acesso destes mundos tão distintos apresentados por Assaré em sua poética que se constrói o sertanejo pós-colonial de Patativa, quebrando as barreiras e tornando-as frágeis e tenras.

A literatura patativiana envereda por um panteão de elementos extremamente significativos quando se trata do *ser* sertanejo que encontramos tão evidenciado em suas obras. Há, no entanto, uma característica marcante que deve ser falada a respeito deste ser, que é a sua posição em relação ao universo, seja ele, físico, social, humano, etc. Para tal entendimento do foco deste artigo, será abordada a teoria de Gayatri Chakravorty Spivak – *Pode o subalterno falar?* – como norteador para desenvolvimento da representação do sertanejo encontrado na poética de Patativa do Assaré dentro do contexto da subalternidade.

Há na poética de Assaré um prisma imagético de seres, situações e localização que determinam o seu posicionamento perante o universo em que se encontra. Uma dessas imagens é a da seca, que evidencia através de elementos repletos de poesia o sofrimento, a dor, a separação da terra natal, o descaso do poder público em relação ao principal ser da sua literatura que é o sertanejo. Seres como os contadores de histórias, violeiros, coronéis, vaqueiros, lendas e mitos da cultura popular favorecem seu enredo. O próprio sertão como lugar hostil e desconhecido pela grande maioria do povo colabora para esta condição, sendo o lugar geograficamente distante e isolado das grandes cidades, favorecendo certo esquecimento dos que lá habitam.

Vê-se que o ser que transforma seu meio também é transformado por ele e, de acordo com o que encontramos na poesia de Patativa do Assaré, acentuam-

se as nuances entre *estar* feliz em sua condição de desfavorecido e de *estar* insatisfeito com o que lhe é dado, sem, no entanto, haver um confronto realístico que favoreça a solução para a sua poesia de protesto, como é vista em boa parte de sua obra. Contudo, elementos distintos da poesia patativiana revelam de maneira sublimada o poder que a própria sociedade brasileira, sendo ela outrora, colônia, exerceu perante seus colonizados. Encaixam-se aqui, também, fatores que não favorecem que o ser sertanejo vença, ascenda e consiga ter voz e lutar por si só.

Há, em Assaré, uma força intercambiária de via dupla, uma que leva ao povo sem instrução o conhecimento das situações reais que acontecem lá fora, longe do entendimento dos menos favorecidos, do iletrado e a outra que é o discurso de Assaré levado por ele ao resto do mundo através de sua poesia para que quem esteja fora deste círculo possa ter consciência da situação. Parafraseando Spivak (1988), o subalterno, no caso o *ser* sertanejo, necessita de um representante por sua própria condição de silenciado, no entanto, esta representação deve ser conduzida de maneira que a voz ouvida não seja a do seu representante, pois o poder ou não poder falar é o que determina o subalterno. Em outras palavras, há a necessidade de representação. No entanto, a voz que deve ser ouvida não é a do representante e sim a do representado. Para que o subalterno possa sair de sua condição de subalternidade, a palavra deve ser dada a ele. Aqui cabe lembrar a teoria de Michel Foucault, que diz que o discurso se produz em razão das relações de poder, portanto, a ausência da palavra, do discurso, é a principal chaga que leva o ser sertanejo à sua condição de subalternidade. Veja como Spivak (1994) aborda essa questão:

A classe trabalhadora, por exemplo, pode ser oprimida, mas não precisamente subalterna, no sentido que ela aponta – subalternos são todos aqueles que não participam, ou que participam de modo muito limitado, do circuito do imperialismo cultural, sendo a mulher subalterna, nesse sentido, duplamente colocada na sombra. Desse modo, ao dizer que esse subalterno não pode falar, não afirmo necessariamente que não haja ‘clamor’ ou protesto, mas que não chega a se estabelecer uma relação dialógica, ou melhor, não há um trânsito da voz entre falante e ouvinte.⁸

⁸ SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

Vale lembrar que a teoria de Foucault vai de encontro em alguns elementos à de Gayatri C. Spivak, pois o primeiro diz que a representação liberta, enquanto Spivak diz que o próprio subalterno tem que ter voz para que sua libertação seja de fato concretizada. Veja este trecho de Spivak (1994), quanto à liberdade do subalterno:

Desse modo, quanto ao subalterno, Gayatri Spivak defende que os que intentam reivindicar a subalternidade de fato estão incorporando formas outras de identificação ao discurso dominante. A possível maneira de colocar o subalterno para falar não é *doando-lhe voz*, ou falando por ele, mas permitir espaço para que ele se expresse de forma espontânea.⁹

As condições históricas que o povo sertanejo carrega desde as premissas da colonização acarretaram influências profundas no seu modo ser, de agir, de pensar, colaborando diretamente para que sua condição de desfavorecido fosse implantada. Na literatura isso também foi sentido, pois a escrita patativiana até certo tempo não foi vista com bons olhos, assim como a literatura regional que abarca, por sua vez, as obras de Assaré. Segundo o crítico literário Antonio Cândido, a relação de dependência e regionalismo teve uma virada em seu conceito na década de 1930, quando foi implantado o conceito de subdesenvolvimento. E foi a partir daí que a crítica começou a olhar com outros olhos a literatura regional não só aqui no Brasil, como também em toda a América latina. Este fato influenciou também a maioria dos escritores que se utilizavam desses fatores para escreverem sobre as diferenças abissais entre uma região ou outra e os pensamentos que lá havia.

Dentro do contexto social, o povo sertanejo, de forma geral, carrega em si as chagas dos oprimidos e desvalidos por sua própria condição de existência. Ou seja, nasceu sertanejo, traz a sina de sofrimento. Aqui vale lembrar que o escritor João Cabral de Melo Neto escreve com maestria sobre esta sina em *Morte e Vida Severina*, o fado do destino.

Perante tais ocorrências, o povo do sertão tem imprimido em sua pele seu jeito de ser, de produzir cultura, de produzir arte e literatura. Sendo que a maioria dos escritores que os representam, e em especial Assaré, trazem com sua representação o fator da subalternidade como principal viés de expressão. Há uma

⁹ Ibidem.

voz latente entre o sertanejo errante e sofrido e seu representante. Esta voz anuncia claramente o desejo de *voz*, de *vez* perante toda a sociedade.

Em outras palavras, a condição de silenciado muitas vezes se mostra como resistência ante todos os encontros por que o povo sertanejo passa, no entanto, a sua condição de subalternidade deve ser combatida através daqueles que possuem voz, ou seja, têm conhecimento e consciência desta situação. Porém, vale lembrar que o nosso papel como instruído é de esclarecer e não tomar a voz dos menos esclarecidos. Dar-lhes a oportunidade de falar, de se expressar, de dizer o que sentem.

E é dentro deste parâmetro analítico que se foca o grande mensageiro da poética de Assaré. O sertanejo que carrega as dores e contrastes de uma terra bonita e cruel, ao mesmo tempo em que engole a voz destes menos favorecidos. Com a ideia de Spivak, a sociedade contemporânea ampliou não só o pensamento a respeito da condição do subalterno, mas também de repensar todos os elementos que condicionam os seres a esta situação. Spivak lança a ideia de se pensar sobre o subalterno e de pensar sobre a capacidade do próprio subalterno se subjetivar.

Assaré aparece quase como um *salvador* dessa gente. Portanto, há na poética patativiana uma importância inestimável para toda a sociedade, de um modo geral, e em todas as suas camadas. A sua representatividade enlaça não só o seu desejo de voz, mas também de dar voz àqueles que pertencem ao sertão, dando uma conotação libertadora para sua poesia.

Considerações finais

Percebemos neste artigo a maioria das vertentes do pensamento pós-colonial e vimos como essa teoria influenciou e ainda influencia escritores em todo o mundo. As nuances e tonalidades deixadas pelas nações colonizadoras acabaram por se imbricar nas culturas das nações colonizadas, surgindo, a partir daí, uma nova forma de ser e de pensar artística, filosófica, científica, política e economicamente. Neste sentido, concluímos que a diversidade poética da literatura patativiana provém em boa parte das influências que as chagas do processo de colonização deixaram aqui no Brasil, sendo o nordeste uma das regiões mais exploradas pelos colonizadores e atingidas por essas influências. A diversidade de raças, costumes, histórias, lendas se misturaram e se hibridizaram surgindo a partir daí uma nova forma de literatura. A literatura de cordel, por exemplo, pode ser remetida à

literatura de cavalaria da idade média, pois ambas possuem muitos fatores confluente. Assim, vemos muitos costumes em que percebemos as influências dos países que aqui estiveram, mas que, na verdade, nem são mais destes países e muito menos próprios do Brasil. É uma cultura mesclada, uma nova forma.

Partindo deste princípio, vimos que a literatura patativiana é uma das mais importantes dentro do cenário nacional da cultura popular, sendo ele um escritor que carregou em sua poesia, sem deixar de lado suas origens, uma força avassaladora da voz do povo, dos desfavorecidos. Ele é um poeta que dá esperança ao povo, messiânico.

Referências

ANDRADE, Claudio Henrique Sales. *Aspectos e impasses da poesia de Patativa do Assaré*. São Paulo 2008.

ASCROFT, Bill et al. *Key concepts in post-colonial studies*. London: Routledge, 1998.

ASHCROFT, B. *Postcolonial transformation*. London: Routledge, 2001.

ASSARÉ, Patativa. *Cante lá que eu canto cá*. A filosofia de um trovador nordestino. Petrópolis: Vozes, 1978.

_____. *Inspiração Nordestina*. Coleção de literatura popular. São Paulo: Hedra, 2003.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. rev. autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

FANON, Frantz. *Peau noire masques blancs*. Paris: Seuil, 1952.

_____. *The wretched of the earth*. Harmondsworth: Penguin, 1990.

_____. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de setembro de 1970*. 10ª ed. São Paulo: Loyola, 2004.

CARDOSO, S. M.; SOUZA, F. W. C. A representação do sertanejo...

FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Imago Editora, Rio de Janeiro, 1996.

GENTILLI, Pablo. *Globalização excludente: desigualdade, exclusão e democracia na nova ordem mundial*. Petrópolis: Vozes, 2000.

HAMILTON, Russel G. A literatura dos PALOP e a teoria pós-colonial. Texto de abertura do IV Encontro de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, realizadas em agosto de 1999 por esta Área de Pós-Graduação e o Centro de Estudos Portugueses da USP. http://www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via03/via03_02.pdf

SAID, Edward. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. Reflexões sobre o exílio. In: _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 46-60.

SILVA, Antonia M. M.; SILVA, Francisco P.; SANTOS, Iveraldo O.; COSTA, Maria E. (Org). *De memória e de identidade: estudos interdisciplinares*. Campina Grande: EDUEPB, 2010.

SOUZA, Lynn Mario T. M. Identidade e subversão: o discurso crítico literário pós-colonial de Homi Bhabha. In: *IV Congresso da Abralic – Literatura e Diferença*, 1994a, p. 561-565.

_____. O discurso crítico literário como suplemento. *Crop*, v. 1, n. 1, 1994b, p. 60-66.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

Recebido em 28/08/2012

Aprovado em 10/11/2012